

Registros da Educação

Para falar sobre todo o currículo acadêmico e profissional de Ruth de Gouvêa Duarte seria necessário um adendo neste Colóquio. Graduada em Ciências Físicas e Biológicas pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), possui mestrado e doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP). É professora, pesquisadora, escritora com indicação ao Prêmio Jabuti e avó do Gabriel (o Monge do IR!). Nos recebeu em sua casa, em São Carlos, para uma conversa sobre inconfidências da educação.

Marcelo Dias – Como está a educação no Brasil, com relação ao acadêmico, ao ensino superior?

Ruth de Gouvêa Duarte – A educação é um processo, não é algo que se possa confinar no lar ou na escola. Mesmo que você pense em educação escolar, ela é um processo também, tem que abarcar muitos anos. É preciso, então, haver dentro da escola uma filosofia de partida, que todos sigam. Caso contrário, começa a haver atrito. E, além disso, principalmente na Academia, é preciso que os diversos setores também estejam conformes, senão cada grupo pensa uma coisa. E como nós não estamos tratando de crianças, é preciso que o educando concorde com aquilo de alma e de espírito. E é difícil você dizer para um aluno da universidade que ele é um educando, porque ele acha que já deixou de ser adolescente, que está apenas aprendendo algo, adquirindo conhecimentos. O que não é verdade, a educação abarca a vida da pessoa, não é só o processo educativo da escola, é um processo contínuo. Na vida acadêmica, nem todos os professores se acham educadores. No caso particular das escolas de Medicina, Engenharia, Odontologia, nas quais o professor não tem a formação pedagógica, ele esquece um pouco o lado educativo. E se ele não teve essa formação e não estudou um pouco de psicologia, ou ele é professor porque nasceu assim, e tem uma linha ineludível (*que não pode fugir*), vocação para o magistério, ou ele vai ensinar sem educar, vai instruir. Então a instrução faz parte da educação, mas não é a educação.

Marcelo – O professor que é professor de nascença, e faz pedagogia e estuda psicologia, extrapola a sala de aula?

Ruth – Extrapola. Até o professor que não está absolutamente consciente desse papel, de que ele é também um exemplo, esse também extrapola, tanto para o bem como para o mal.

Marcelo – Como?

Ruth – É muito comum você ouvir críticas, que o professor prefere o laboratório e as pesquisas, ao invés das aulas.



Décadas de experiência

Ainda que o professor tenha essa preferência, ele não pode se esquecer das aulas. Isso é terrível para os alunos, pois a primeira função da escola é graduar. A pesquisa dele é em paralelo. Há muitos na graduação que já fazem iniciação científica, ou que sonham com a vida acadêmica, mas não necessariamente. É triste, e irrita saber que professor prefere o laboratório. Em todas as universidades européias e americanas, quem dá aula para a graduação são titulares. Nas nossas universidades isso não é bem verdade, depende muito da diretoria e dos chefes de departamento. O professor mais graduado é quem tem direito.

Marcelo – Aqui nas públicas ocorre como?

Ruth – Na verdade, fazendo um parêntese, nas escolas particulares as aulas recebem maior atenção dos docentes. Por dois motivos. Primeiro porque poucas fazem pesquisa, e segundo, o aluno cobra melhor a aula: ele paga. Ele sabe o preço. O aluno da escola pública acha que não paga, ele não se dá ao trabalho de pensar que o dinheiro que foi para lá é dinheiro dele também.

Marcelo – Aliás de todos.

Ruth – De todos. O que é pior, às vezes abaixo dele. A ideia de que a universidade pública é deles só vem na hora em que eles invadem para fazer greve. Tirando isso, é difícil ele ter a consciência de que aquela aula é paga, de que ele está pagando.

Leonildo Trombela Junior – O que seria esse conceito abaixo dele?

Ruth – A pessoa abaixo dele no sentido financeiro, eu me refiro.

Marcelo – Que paga através dos impostos?

Ruth – Paga através dos impostos. Aliás, de tudo. A minha empregada ganha um pouco mais de um salário mínimo e não paga imposto de renda. Mas ela paga por tudo o que compra, come e veste.

Então, com este imposto embutido em tudo, todos pagam. É preciso conscientizar os alunos politicamente. Na verdade, os alunos da pós-graduação, ou alguns da graduação, vão muito motivados. Tanto que até relaxam o curso. Começam a ver os defeitos, e pensam: "podia ser melhor, mas eu vou ocupar meu tempo com outra coisa".

O que falta ao professor é querer. É pegar o aluno e motivar a sala. Eu faço

daquela questão extra. O dia em que ele entrou aqui, ele disse, "já tenho uma questão para minha próxima prova: vou perguntar sobre o Escorial." É porque coloquei ali (escrito em um papel junto a um mural de fotos, na porta do escritório) "O meu pequenino escritório, na minha pequena biblioteca, para mim é o Escorial."

Marcelo – Afinal o que é o Escorial?

Ruth – É o maior monumento da Europa. Ele foi construído durante muitos anos, a mando do rei após a guerra espanhola. É maravilhoso. A biblioteca do Escorial é composta por prédios e mais prédios. É só procurar na internet por "El Escorial", vocês vão ver. E o meu sogro, que era professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, esteve lá. No monumento o nome do rei é muito citado, mas ninguém fala do arquiteto. Então ele fez um soneto bonito, que termina assim "não foi um rei que construiu este monumento, um rei não pode tanto". Eu acho isso lindíssimo. E ele custou para descobrir qual foi o arquiteto que tinha desenhado o prédio.

Mas enfim, voltando ao Rodrigo, essa foi a sacada que ele teve. E ele é profes-

Stephen A. Borish



Escorial

absoluta questão, dou aula com o maior prazer. Eu prefiro a aula, a verdade é essa. Dou quatro horas aula e eu não dou intervalo. Faço isso porque um aluno demora dez minutos, outro demora quinze, e então vira aquele "auê". Combino de terminar a aula quinze minutos antes. Mas na verdade nunca terminou.

Eu tenho colegas que não possuem magistério, mas lecionam. Um exemplo é o engenheiro Marcio Fantozzi Giogetti, ele nasceu professor. Ninguém dá aula como ele. É professor do meu departamento de hidráulica, aposentado como eu, mas continua dando aula.

Há outro professor, que se chama Rodrigo de Mello Porto. Ele não só é um grande professor, como é um grande inovador. Ele faz onze questões na prova, e não dez. E a décima primeira questão não tem nada a ver com a prova. Ele faz uma questão de cultura geral, de atualização, interessantíssima. E depois os alunos esquecem as questões da prova, mas lembram, pelo resto da vida,

de hidráulica. É uma coisa que todo mundo comenta, passam os anos e as pessoas ainda se lembram das questões que ele colocou, por serem completamente diferentes.

Em todas as universidades européias e americanas, quem dá aula para a graduação são titulares. Nas nossas universidades isso não é bem verdade, depende muito da diretoria e dos chefes de departamento. O professor mais graduado é quem tem direito.

Marcelo – A senhora falou que gosta mais de dar aula...

Ruth – Eu gosto.

Marcelo – A senhora dá aula para primeiro ano?

Ruth – Eu dava. Quando eu entrei na universidade como professora, a disciplina que eu lecionava para o primeiro ano, era Ciências do Ambiente. Obrigatória para todos os cursos de engenharia, não importa qual. Ela foi criada em 1976 para levantar a consciência ecológica.

Na verdade, Ciências do Ambiente é Ecologia aplicada à Engenharia. E quando comecei a ministrá-la, procurei pelo Márcio Giorgetti, que era chefe de departamento, e disse que essa disciplina estava errada. O aluno do primeiro ano tem as disciplinas básicas (Química, Física, Matemática), e geralmente não gosta do curso de engenharia nos dois primeiros anos. Quando ele entra no terceiro ano e vai ter as disciplinas propriamente ditas de engenharia, ele se encontra. Porque nessa ocasião esta disciplina era obrigatória, mas foi eletiva para os quarto e quinto anos. Então vários alunos desses anos já tinham suprido aquele problema, muitos já estavam fazendo iniciação científica. Eu dava aula com mais uma professora, que já estava quase em final de carreira, e que achava o contrário. Ela não queria dar essa aula para o pessoal mais velho, porque ela dominava melhor a turma do primeiro ano. Mesmo assim procurei o Márcio e dei minha opinião.

Outra disciplina é a de Humanidades, que hoje é ministrada pelo pessoal de Arquitetura, mas que deveria ser de responsabilidade dos professores da área de Humanas. Essas duas disciplinas, que agora estão no quarto ano (com opção de se fazer no quinto), nessa ocasião, eram dadas nos primeiros anos do curso. Dei outra matéria também, Qualidade da Água, uma disciplina técnica para o terceiro ano. Mas atualmente estou somente na pós-graduação. Como já me aposentei, não preciso dar mais aula para a graduação.

Claro que os alunos que chegam à USP passam por afunilamento, são alunos culturalmente diferenciados e que vieram de escolas particulares. (...) Mas depende também muito do aluno que goste de ler, que faz uma boa escola por si só.

Marcelo – A senhora sente alguma diferença dos alunos do primeiro ano de alguns anos atrás para os de hoje?

Ruth – A primeira diferença é que os alunos de antigamente do primeiro ano só não sabiam escrever, mas liam bem. Os de hoje não sabem nem ler. Eles lêem um texto e não entendem, e a situação está piorando terrivelmente. Mas a culpa é do Ensino Médio. Claro que os alunos que chegam à USP passam por afunilamento, são alunos culturalmente diferenciados e que vieram de escolas particulares. Isso pode ser visto naquelas fichas que são preenchidas, questionando a escolaridade dos pais e a situação financeira (o “currículo oculto” na Europa). Mas depende também muito do aluno que goste de ler, que faz uma boa escola por si só.

Há alguns anos, por exemplo, o que me incomodava muito nos últimos anos de graduação eram os alunos frequentando as aulas de chinelos, bermudas e os pés sujos. Agora isso é proibido, mas os alunos achavam uma maravilha colocar os

pés sobre as carteiras. Eu até tinha uma amiga psicóloga que me orientou uma saída para quando os alunos colocassem os pés para cima, deveria dizer assim: “Interessante. Todos aqui são do terceiro ano e todos já tem mais de dezenove anos. É bem interessante isso. Tem alguma coisa errada no ballet?” Porque botar as pernas para cima é típico de adolescente. E isso quem diz são os psicólogos, não eu. O adolescente é que põe as pernas para cima cada vez que se senta. O adulto só faz isso quando está muito cansado. “Você está cansado? Então por que vai jogar futebol?”

Então é diferente, foi piorando. Agora é também uma questão de idade. Eu adorava dar aula para eles, mas fui cansando, e hoje prefiro a pós-graduação, onde os alunos são mais maduros. Na graduação a turma é muito jovem.



Universidade de São Paulo - Brasil

Eles não têm maturidade para fazer universidade, ficam perdidos no primeiro e segundo anos, e isso é muito comum em todas as universidades. Deslumbrar-se quando se está fora de casa, de sua cidade, por ficar perto das festas e dos centros acadêmicos. Talvez até fosse bom ter um ano propedêutico (que prepara para receber ensino mais completo) só para o aluno aproveitar e se enturmar. Agora, na pós-graduação, você pode tratá-los como adultos, são profissionais. Seria difícil dar aula para a graduação hoje, o entra e sai me

desconcentra. Agora ainda é pior, porque antigamente eles podiam fumar na sala. Hoje tem que sair, e mesmo que a gente não queira, eles pegam o cigarro, falam “vou fumar” e saem. Eu não sei, toda a filosofia da escola deveria passar por uma reformulação. A começar por diminuir a quantidade de alunos em sala. Como fazer uma pergunta para uma sala com 160, 140 alunos?

Marcelo – Uma coordenadora do curso de Direito da cidade de Marília disse uma vez que 60% do que se leva de sua vida acadêmica, aprende-se fora da sala de aula. Serão grupos de filosofia, são os eventos, o próprio diretório acadêmico e toda a vivência fora de sala de aula.

Ruth – É verdade! E é leitura! Essa é a vantagem de se estar em Marília, São

Marcelo Dias

de Arquitetura, que pertencem à escola de Engenharia. O campus aqui é pequeno, está todo tomado. E há mais dois campi: um de Ciências Ambientais, à margem de uma represa, onde trabalhei por muito tempo; e o campus II, onde funciona os Laboratórios de Saneamento ou Laboratório de Processos Biológicos. Aconteceu que eles ficaram isolados, e ao invés de se agruparem participam pouco do campus. Enquanto que aqui, a maior vantagem é que há uma interação entre a pós-graduação e a graduação, eles frequentam o mesmo lugar. Há outras duas coisas interessantes que foram criadas: uma foi a proibição dos trotes, e outra foi um acordo tácito entre os alunos da primeira série de que ninguém colaria.

Marcelo – Isso aconteceu aonde, na Federal?

Ruth – Não, na USP. Os alunos instituíram que não colariam, e nos cinco primeiros anos isso foi seguido. Mas quando saiu a primeira turma, o acordo se diluiu. Mesmo assim, você pega a cola, é evidente que vai existir. Mas é muito mais raro. Porque os próprios alunos exercem pressão sobre isso. Virou uma filosofia, como no caso do trote, impedido pelo Centro Acadêmico. Eu fico louca da vida quando ninguém cita que isso faz parte do regimento. Penso em contar, escrever para o Estadão, mas fico com medo de que peguem uma frase solta e coloquem, por exemplo, na carta do leitor e fique meio festivo. E não é essa a minha ideia, acabo não mandando. Tem muita coisa bem feita, mas às vezes saem algumas bobagens, às vezes penso que podem escolher uma frase minha, e não quero que todo mundo que me conhece, como ex-alunos, leiam isso e achem que eu não tenho o que fazer. Que deveria fazer crochê (risos). Mas essa é uma informação extremamente importante, que os alunos não sabem.

Marcelo – A senhora falou do convívio. As faculdades, especialmente as públicas, foram criadas arquitetonicamente, principalmente por conta do período da ditadura, com campi gigantescos, com unidades completamente separadas, e principalmente separando a área de Humanas das demais.

Ruth – Lógico, a Humanas é um perigo. Humanas serve para pensar mais. Mas a USP de São Carlos foi criada em 1953 e a de Ribeirão em 1963, portanto antes da ditadura. A Federal daqui foi criada em 1970, mas com 2 cursos apenas e com 30 alunos cada um. Só. Ela custou a crescer, mas nos últimos anos “inchou”, com muitos cursos, muitos alunos.

Marcelo – E como devolver hoje esse convívio?

Já pensou sua marca fixada para sempre em uma mídia que não perde a qualidade e nem amarela com o tempo?

REPORTAGENS, COLÓQUIOS E O MELHOR DA QUINZENA

EDIÇÕES EM PDF

Inconfidência Ribeirão

"a cidade que todo mundo sente, mas ninguém vê."

Ruth – Aqui na federal não sei dizer, aqui não temos Humanas. A federal é muito grande, já foi uma fazenda. Enquanto que na USP o campus é pequeno, embora os cursos de Química e Física fiquem separados, o centro de convivência, o restaurante e várias instalações, ainda são os mesmos, e todos convivem. É tudo muito confinado, diferente de Ribeirão Preto.

Mas o que percebo quando estou corrigindo dissertações e teses da turma de Humanas, é que eles pinçam o que lêem. Cada vez eu fico menos convicta que o pessoal de Humanas leia mais que o pessoal da engenharia.

Leonildo – **Você acha que tem muitos intelectocratas (intelectual burocrata) nas faculdades?**

Ruth – Tem. E isso é mais verdade nas escolas técnicas, como a de engenharia, que tem de ensinar a técnica e a arte de construir. Você acaba pensando que eles lêem pouco, e pode até ser verdade, que sejam tecnocratas. No entanto temos expoentes de ir e vir, tornando isso muito individual.

Meu mestre, o professor Samuel Branco, escrevia como ninguém. Eu também gosto de ler e escrever. Na verdade queria ter feito jornalismo, mas meu pai que era jornalista, disse que essa não era profissão para mulheres. E não era mesmo, na verdade nada era profissão para a mulher, somente ser professora. Na minha faixa etária são raríssimas que chegaram à universidade, chegar na universidade, a não ser na área de educação. Todas as mulheres ou eram professoras ou donas de boutique. É muito raro ter essa consciência.

Agora, ler é vício. Leitura, esse vício impune... (risos). Ou se gosta de ler ou não. Cheguei à conclusão de que ler é uma senóide (*referência à função Seno da matemática, sua curva está ora acima, ora abaixo, ciclicamente*). Às vezes você passa por uma fase de acomodar as ideias, e para de ler. Meu avô não era muito de ler, ele era mais de estudar, era muito mais técnico do que eu. Mas gostava de ler, tanto que quando pegava um livro que gostava, passava para ele.

Marcelo – **Falando de livros e de leitura, talvez a maior deficiência hoje da educação seja não prover o interesse pela leitura.**

Ruth – Quer saber qual é a maior deficiência da educação? Essa máquina bendita e maldita (aponta para o computador). O aluno não tinha outro jeito. Ainda que fosse um candidato à vida acadêmica, ele tinha que ler os livros. O máximo que ele podia ler era alguma resenha. Hoje ele não lê livro nenhum, pois o aspecto técnico, os comentários, tudo está lá no computador.

Marcelo – **Mas isso seria consequência do que vem sendo desenvolvido desde o ensino fundamental?**

Ruth – Eu acho que tudo é falta de hábito de leitura. Do ensino fundamental a família. É a falta de tempo. Você até quer ler, mas demora mais tempo. Por quê? Por causa da luta pela vida, e de tudo que tem de interessante para fazer. Um pouco também devido ao bendito computador. Antigamente eu dizia para os alunos “Esqueçam a televisão quando chegam em casa, primeiro façam o que tem que fazer para escola”. Hoje se fala “Esqueçam o computador”. É a falta de tempo, porque o mundo ficou complicado, e todos querem fazer algo diferente, isso é normal. E o tempo que você perde com deslocamento e tudo mais. Tem muita gente que não lê nem jornal. Ou lê o jornal da cidade, mas aqui em São Carlos os jornais são todos uns pasquins, não tem o que ler. Então é muito complicado, você tem um jornal que di-

“A universidade é um direito de todos, mas é para aqueles que querem botar a b. na cadeira, a cara no livro, e estudar. Senão, o que faz na universidade?”

zem ser bom, e coisa e tal, mas que não tem nada que preste. Agora, ler é vício. Ou lê, ou não lê. E se você pensar bem, na correria de vida, quando é que sobra tempo para ler? Mesmo pra mim, que estou aposentada? É à noite, ou então no final de semana, quando se tem um pouco mais de tempo. Antes não havia televisão, não havia computador, então a situação era outra.

Leonildo – **Você que é educadora e já pensou em fazer jornalismo, o que acha da questão de ter caído a obrigatoriedade do diploma de jornalismo?**

Ruth – Por pior que seja uma escola de jornalismo, “ruim com ela, pior sem ela”. Eu sou absolutamente contra cair o diploma para a função jornalística. O que não significa que é preciso ser jornalista para se fazer uma boa redação, escrever cientificamente por exemplo. Mas eu precisaria de um jornalista para “coar” aquilo que eu escrevi. Eu sou capaz, eu sei escrever, eu conheço o português. Meu pai era jornalista, formado na Casper Líbero. Era um homem

muito culto.

Leonildo – **Como ele se chama?**

Ruth – Helvídio Gouvêa. Ele foi jornalista da Folha por muitos anos. Seus artigos estão na Federal para a publicação de um livro. Ele escrevia muito bem, e a família Gouvêa é composta de muitos jornalistas.

Mas não sei como estão os cursos de jornalismo. Acho que por pior que estejam, eles cobram muita leitura e muita escrita, não cobram?

Leonildo – **Cobrar eles cobram, mas cumprir é outra história...**

Ruth – Mas aquele que quiser fazer bem feito, faz. Qualquer curso que você faça, ainda que seja engenharia, odontologia, medicina. Você pensa que todo mundo segue lá na ponta? Não estão lá, não. Você sempre terá, por mais que deteste, a elite intelectual. Toda sala de aula tem aluno bom. Não o bom aluno,

de boa cabeça, mas aquele que lê, que cumpre suas tarefas. Mesmo que cumpra mal, que saia da aula, eu não estou muito preocupada se ele assiste ou não. “Assinou a lista? Se vai sair depois, sai já”. Estou esse ano com dois alunos, um moço e uma moça, que ou um deles está lendo, escrevendo ou sei lá o quê, ou ficam passando bilhetinho um para o outro, como se estivessem no terceiro ano primário. Só falta fazer aviãozinho. E são alunos de pós-graduação! Na próxima aula vou falar “Assine e saia”. A lista vai passando e eles assinam.

Eu tenho muitos alunos. Como minha disciplina é aberta a todos, e é redação de trabalho científico, eles vêm. Eu dou a lista e começo a aula. Na aula seguinte, eu passo e digo, “Aqueles que vão ler, escrever ou passar bilhetinho, prefiro que saiam já, para não perturbar depois”. Porque eu não me concentro. Tem professor que não está nem aí, não sei se ele consegue se concentrar, mas depende da disciplina também. Você vai por um problema para fazer, ou vai ensinar uma técnica, uma tecnologia, é

diferente. Quando eu dava Qualidade da Água eu nunca vi se o aluno estava ou não prestando atenção. Mas quando você vai dar uma aula sobre ensinar a escrever, a pesquisar teses e dissertações, é preciso ver se a revisão bibliográfica não é uma cópia de outra. É preciso fazer isso, ver se o texto está bem escrito, se o texto está mal escrito. A parte de revisão bibliográfica é a mais difícil da tese. Você lê muitas coisas, quase sempre em inglês, às vezes um pouco em francês, e depois cada um tem seu estilo. Daí vira uma salada russa, aquela mistura de coisas. É preciso ver se o aluno é capaz de escrever fugindo do estilo do autor.

Marcelo – **Tirando a especificidade da pós-graduação, e posto as dificuldades e carências que a gente identifica na educação: uma graduação feita de maneira séria, como deve ser feita, e com as cobranças que uma graduação exige, não seria tão boa quanto uma pós-graduação?**

Ruth – Não, porque a pós-graduação exige que o aluno tenha um arcabouço técnico, que ele vai usar como ferramenta para fazer pesquisa. A pós-graduação tem em si a ideia da dissertação, da tese escrita. É uma parte dos requisitos. Você lê aqui (mostra uma tese de pós-graduação) “Tese apresentada na Escola de Engenharia de São Carlos, Estado de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção de título de doutor em Engenharia”. Então a aula é um dos requisitos. Seja a parte experimental e laboratorial, seja a parte de aplicação de questionários (uma pesquisa mais qualitativa, muito comum no saneamento), seja uma parte de escrita e leitura do aluno (em que ele vá comparar textos, etc.), a dissertação é uma parte fundamental para a qual se supõe um conhecimento prévio. A diferença principal, da graduação para a pós-graduação, é esse embasamento.

Na verdade, eu tenho ojeriza da história de que a universidade é para todos. Não é. A universidade é um direito de todos, mas é para aqueles que querem botar a b. na cadeira, a cara no livro, e estudar. Senão, o que faz na universidade?

Marcelo – **A gente encontra alunos dentro da graduação, tanto em escolas particulares quanto em públicas, que destoam do grupo, e que participam, desde o primeiro ano, da iniciação científica. Você vê que ao final, o trabalho e a conclusão apresentados...**

Ruth – ... são verdadeiras dissertações de mestrado. Muitos. Dissertações de mestrado, muitas são verdadeiras teses. Por quê? Porque se trata de um aluno diferenciado. Não são todos, há trabalhos de conclusão de curso que são uma piada.

Já pensou sua marca fixada para sempre em uma mídia que não perde a qualidade e nem amarela com o tempo?

REPORTAGENS, COLÓQUIOS E O MELHOR DA QUINZENA

EDIÇÕES EM PDF

Inconfidência Ribeirão

"a cidade que todo mundo sente, mas ninguém vê."

Outra coisa, nas universidades públicas tem iniciação científica. E muitas das universidades particulares também.

Marcelo – Mas não é obrigatório. Não é fomentado.

Ruth – Obrigatório não, na pública nem dá para ser obrigatório. Não há professor que consiga ter mais do que três ou quatro alunos orientados de uma vez. Na Universidade de São Paulo, para começar a fazer o mestrado, é preciso ter iniciação científica. E mesmo que você faça mestrado e doutorado, é na iniciação científica que se aprende a fazer pesquisa. Agora, isso não é mesmo para todos. Na verdade, eu tenho ojeriza da história de que a universidade é para todos. Não é. A universidade é um direito de todos, mas é para aqueles que querem botar a b. na cadeira, a cara no livro, e estudar. Senão, o que faz na universidade?

Gabriel – Você acha que a ideia da extensão, que é uma das partes do tripé da universidade pública – ensino, pesquisa e extensão – como extensão da produção da universidade e das atividades no seu espaço para a população...

Ruth – ... é, a extensão tem esse sentido.

Gabriel – Mas você acha que a ideia da universidade para todos não teria uma base nisto?

Ruth – Não, não. Essa ideia é de que todo mundo tem que fazer uma universidade. Nem nos países mais desenvolvidos existe isso.

Marcelo – Mas é constitucional esta ideia.

Ruth – Pois é, mas veja, a universidade é um direito de todos. Como eu vou obrigar a minha empregada, que estudou só até a oitava série? E eu fiz de tudo para ela fazer o colegial, ela é muito inteligente. Nunca consegui que ela voltasse, ela tem ódio de sentar e estudar. Ela é inteligente porque é bem dotada.

Marcelo – Culpa da escola?

Ruth – Eu acho que a família também não incentivou. E ela está em outra: ela quer ganhar dinheiro.

Leonildo – Mas você não acha que esse querer que todos façam uma universidade não é consequência de uma sociedade que preza pelo tecnicismo?

Ruth – Não sei. Acho que está ligada a outra coisa, à diferenciação salarial. Não pelo tecnicismo, mas o grau de informação e o ganhar mais. Por exemplo, nos Estados Unidos, mais do que na Europa, os salários não têm esse degrau.

Leonildo – Perguntei sobre o tecnicismo no sentido de que a pessoa não analisa o conhecimento, mas analisa

o diploma.

Ruth – Já nem sei até quanto que analisa o diploma só.

Leonildo – Mas ele pesa muito.

Ruth – Pesa, mas isso é besteira. Por exemplo, aqui na Escola, dentro da pós-graduação, os alunos que vem de escolas particulares as vezes são melhores que muito aluno formado aqui em São Carlos (na Universidade de São Paulo ou na Universidade Federal de São Carlos). Quer ver, a federal do Rio Grande do Norte, do Ceará, da Bahia, da Paraíba, Santa Catarina é muito bom, Paraná tem a UEL (Universidade Estadual de Londrina), eles passam à frente dos alunos daqui, especialmente das nossas federais. Mas passam até à frente de muito aluno da USP também, no exame de seleção para a pós-graduação. Há escolas muito boas. E de vez em quando há vários alunos que vem da Unip e passam, que vem de qualquer universidade e passam. Tem um aluno que veio da Barão de Mauá, de Ribeirão Preto, que prestou exame e entrou, fez mestrado e agora está fazendo doutorado. Ele é um excelente aluno. Mas esse é um caso particular. O problema que eu penso é o seguinte: eu acho que o aluno que quer estudar, estuda. Hoje existe uma série de incentivos, bolsas etc. Mas o aluno tem que querer estudar, ou ganhar mais. O grande erro do brasileiro foi ter acabado com as escolas técnicas. As próprias Fatec, que são cursos técnicos, tem o mesmo valor de diploma das universidades.

Leonildo – E agora estão voltando.

Ruth – E tem que ser! Se o aluno faz um curso técnico e se torna um grande profissional, é isso que interessa. Por exemplo, nos Estados Unidos, quando nós fomos para lá em 79, tinha o pessoal que vinha fazer a faxina no bloco de apartamentos do campus. E o carro deles era igual ou até melhores do que os dos professores. Por que? Porque eles ganham muito bem. Baby-sitter (babá) nos Estados Unidos ganha mais que professor universitário. Aqui, eu acho que essa procura por título tem a ver com salário, que também já caiu muito. Tem uma moça daqui, ela é bióloga e fez mestrado e doutorado. A avó dela tem uma rotisserie. Ela largou tudo e foi virar cozinheira com a mãe e avó quando percebeu de que por mais que ela trabalhasse, não ia ganhar bem como elas. Então depende também do que você quer com o dinheiro, do quanto você quer, do que você quer fazer com ele.

Mas agora, você fala “ah, tem aluno de universidade particular que é muito bom”. E tem aluno da universidade pública que é muito ruim! Agora que as universidades particulares cresceram, estatisticamente quanto mais você cresce, maiores as chances de pegar mais gente boa. Meu filho é coordenador da

Engenharia da Unip, nos temos alunos e mais alunos de lá que passam aqui na pós-graduação. Hoje, se as universidades públicas não se cuidarem, vai acontecer conosco o que acontece nos Estados Unidos e na Europa, onde as melhores não são as públicas.

Leonildo – Você diz mais ou menos o que acontece com os colegiais (ensino médio) também?

Ruth – Exatamente. Porque veja, em educação, escola pública existe em grande número nos países mais pobres. À medida que o país vai ficando mais rico, ele consegue melhores universidades particulares. As melhores universidades americanas são pagas, Harvard, MIT, Stanford. A USP faz muita questão de se segurar, assim como a Unesp. A Unicamp luta mais que a Unesp, mas seu maior problema foi o excesso de alunos, que a inchou. Quisera botar muitos campi, mas lógico que você perde em qualidade.

Marcelo – Colocada a realidade da educação, qual a visão que a senhora tem daqui para frente?

Ruth – O primeiro entrave é a situação do lar. A escola não pode entrar em atrito com a família, se isso acontece o adolescente fica perdido. Por isso a urgência da conscientização dos pais em educar os jovens, pois a escola não consegue fazer tudo sozinha. O outro lado dessa história é que a escola e os educadores são responsáveis por irem além da instrução, e isso é muito difícil na universidade. A educação precisa de que os dirigentes, não os da universidade, mas do governo, enxerguem a questão de forma diferente.

Outro complicador é a disputa da escola com a televisão e o computador. Ao mesmo tempo, que não existe uma seleção do que pode ser ensinado por eles. É preciso mais leitura. A escola seja ela técnica ou não, independente do nível, deve ensinar o aluno ler e amar a leitura, caso contrario ele não vai crescer.

O professor tem que se entregar, tem que atender ao aluno individualmente. Tem professor que fica um tempo depois da aula e conversa com o aluno, mas para isso é preciso tempo. O que acontece nas universidades com horário integral. Se você não tem tempo de ficar na escola é difícil. E no ensino fundamental, com a porcaria que estão ganhando, o professor leciona em uma escola de manhã, outra à tarde, outra a noite, e não tem tempo de atender o aluno. Como que você prega ensino e educação se não tiver o papel de educador em todo canto, seja em casa ou na escola.

Agora, quanto mais tempo você passar dentro da escola é melhor, sem a menor dúvida.

Ainda que no barzinho batendo papo. Você tem que estar ali, trocando opinião, trocando ideias.

Eu gosto dos jovens, dos estudantes. E cheguei à conclusão de que eles também gostam dos professores. Um exemplo é essa aluna. Ela já concluiu o mestrado, mas sempre que vem para São Carlos me visita. Vocês também querem conviver com professores, mas cadê o tempo? Por esse motivo que a universidade não pode espalhar os campi. Se a intenção for espalhar, o interessante é misturar todos os cursos. Se você faz psicologia, ele engenharia, o outro medicina, vocês não se encontram. Se você tem um centro acadêmico para o grupo todo, você troca informações, livros e opiniões. Nesse sentido apoio os jogos abertos, shows e as confraternizações nas universidades. Se você convive só com o seu pessoal fica muito fechadinho, numa bolha de vidro. Estudando as mesmas coisas, lendo os mesmos livros, falando bem ou mal dos mesmos professores. Agora se você convive com um universo maior, amplia seus horizontes.

O professor em tempo integral é um ponto importante. Hoje a USP está lutando para isso. Mas tem que ver se é tempo integral mesmo, se é de direito ou de fato. Porque o professor que estiver em tempo integral na sala dele, ou no laboratório, ele recebe o aluno. Outro é a iniciação científica e os estágios, que aumentam a convivência com o professor. Por isso que a iniciação científica é o degrau para o aluno fazer pós-graduação.

Agora, quanto mais tempo você passar dentro da escola é melhor, sem a menor dúvida. Ainda que no barzinho batendo papo. Você tem que estar ali, trocando opinião, trocando ideia. Você pensa que aprende só na sala de aula? Quer saber de uma verdade que eu digo para os meus alunos? Para pensar na sua escola, desde o fundamental. Uma disciplina que você não está acompanhando, a aula é uma chatice, e você precisa fazer a prova, pegue um livro e estude. Você aprende mais. E você segue fazendo isso a vida inteira. Você perde uma aula por um motivo qualquer, depois pega e vai estudar. E quanto mais você tem a tecnologia, melhor. Seja livro, seja computador. Eu gosto de papel, eu gosto de ler. Às vezes me pego imprimindo e-mails, porque eu não posso guardar todos, mas quero ter. Mas se você tem uma conversa na universidade, você tem troca de experiências. Não importa o que você está fazendo, você tem que estar junto com um pessoal que você possa conversar. Seleção de amigos é uma coisa complicada.

Marcelo – É a família que você escolhe?

Ruth – É a família que você escolhe. E a grande vantagem da universidade, conviver com pessoas de todos os cursos.

Comente este Colóquio em:
www.inconfidenciaribeirao.com

Já pensou sua marca fixada para sempre em uma mídia que não perde a qualidade e nem amarela com o tempo?

REPORTAGENS, COLÓQUIOS E O MELHOR DA QUINZENA

EDIÇÕES EM PDF

Inconfidência Ribeirão

"a cidade que todo mundo sente,
mas ninguém vê."